

**O ENSINO DA GEOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE E A  
PRÁTICA DOCENTE PARA O DESPERTAR DA CRIATIVIDADE**

**THE TEACHING OF GEOGRAPHY IN CONTEMPORARY  
TIMES AND THE TEACHING PRACTICE FOR AWAKENING  
THE CREATIVITY**

**Carina Copatti**

Professora na rede municipal de ensino de Charrua/RS, Brasil  
Doutoranda em Educação nas Ciências - UNIJUI  
Graduada em Geografia e Mestra em Educação - UPF  
c.copatti@hotmail.com

Recebido 6 de Novembro de 2015, aceito 6 de Dezembro de 2016

**RESUMO** - O ensino de Geografia, no contexto atual, requer uma série de atribuições que vão além da mera transmissão do conhecimento. Partindo dessa premissa, consideramos a seguinte indagação: Como estimular a criatividade na prática docente na Geografia Escolar contemporânea? Para que ocorra a construção de conhecimentos é necessário refletirmos sobre o processo de ensino e aprendizagem considerando a criatividade, a fim de ampliar a participação dos educandos e potencializar suas habilidades. Desse modo, o presente artigo, de cunho teórico, pretende debater, a partir de autores como Barreto (2007), Lubart (2007), Cavalcanti (2010, 2008) e Straforini (2004), sobre o desenvolvimento da Geografia enquanto ciência e, como disciplina escolar, a partir de possibilidades de potencializar a criatividade nas aulas, tendo por base reflexões em relação aos desafios da educação geográfica contemporânea e das possibilidades oriundas de processos criativos. Considera-se que cabe ao professor instigar o desenvolvimento do aluno por meio de estratégias que considerem sua participação ativa, tendo como objetivo maior atenção, interação e sensibilização nas aulas de Geografia. Esse processo requer criatividade do professor, metodologias inovadoras e atualizadas, disponibilidade para

inovar, troca de experiências, redes de compartilhamento, uso de recursos tecnológicos, teoria e prática integradas, atividades que considerem a realidade do aluno. A fim de desenvolver as reflexões propostas o artigo foi estruturado em três etapas, trazendo inicialmente, um breve resgate sobre a constituição da ciência geográfica e os desafios da Geografia Escolar na contemporaneidade; num segundo momento, debate-se sobre a criatividade no processo de ensino e aprendizagem em Geografia e, por fim, faz-se algumas reflexões em defesa do estímulo à criatividade nas aulas de Geografia, visto que suas construções à aprendizagem ampliam a formação humana e estimulam diferentes dimensões do ser, transformando os educandos e, de certo modo, tornando-os mais atentos, participativos e sensíveis.

**Palavras-chave:** Geografia, Criatividade, Ensino-Aprendizagem.

**ABSTRACT** - The teaching of geography in the current context, requires a series of assignments that go beyond the mere transmission of knowledge. From this premise, we consider the following question: How to stimulate creativity in teaching practice in contemporary School Geography? To occur the construction of knowledge is necessary to reflect on the process of teaching and learning considering creativity in order to increase the participation of students and enhance their skills. Thus, this paper, theoretical nature, aims to discuss, from authors like Barreto (2007), Lubart (2007), Cavalcanti (2010, 2008) and Straforini (2004) on the development of geography as a science and, as school discipline, from possibilities of enhancing creativity in the classroom, based on reflections on the challenges of contemporary geographic education and the opportunities arising from creative processes. Considers that it is up to the teacher instigating student development through strategies that consider your active participation, aiming more attention, interaction and awareness of Geography lessons. This process requires teacher's creativity, innovative and up-to-date methodologies, readiness to innovate, exchanging experiences, sharing networks, use of technological resources, theory and

practice, integrated activities that consider the reality of the student. In order to develop the reflections article proposals is structured in three stages, bringing first a brief review of the constitution of geographical science and the challenges of School Geography in the contemporary world; secondly, the debate is about creativity in teaching and learning in Geography and finally makes some reflections in defense of stimulating creativity in geography classes, as their buildings to learning extend the human formation and stimulate different dimensions of being, turning the students and, in a sense, making them more attentive, participatory and sensitive.

**Keywords:** Geography, Creativity, Teaching-Learning.

## INTRODUÇÃO

O processo de ensino e aprendizagem de Geografia, no contexto contemporâneo, demanda profissionais preparados e atentos para as rápidas transformações que vêm ocorrendo, tanto em esfera local e regional, quanto em âmbito global. Para tanto, os profissionais que atuam nessa disciplina, nos diversos níveis de ensino, precisam se envolver na construção de um processo educativo que se utilize de ferramentas criativas, tendo em vista a diversidade de educandos que adentram às instituições de ensino.

Nessa perspectiva, pretende-se trazer algumas reflexões partindo da seguinte questão: Como desenvolver a criatividade na prática docente na Geografia Escolar contemporânea? Nesse contexto, pensar o ensino de Geografia para o desenvolvimento da criatividade implica em reflexões sobre as possibilidades de atuação dos professores que mediam o processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista a construção de uma educação que valorize as habilidades dos educandos, incentivando-os a protagonizar sua própria formação, ressignificando-se e ressignificando a sua aprendizagem.

Com esse intuito, pretende-se trazer contribuições, de cunho teórico, sobre os avanços da ciência geográfica, por meio de autores como Caracristi e Fonseca (2011) e Moreira (2012), em relação às diferentes correntes que fundamentam essa ciência, e de autores como Cavalcanti (2010, 2008) e Straforini (2004), que abordam a Geografia e seu ensino no contexto escolar; ainda, considera-se pertinente as provocações de autores como Barreto (2007) e Lubart (2007), que debatem a criatividade, a fim de ampliar a aprendizagem e desenvolver as potencialidades dos educandos.

Nesse sentido, faz-se inicialmente, um breve resgate sobre a constituição da Geografia como ciência social e sobre os desafios da Geografia Escolar na contemporaneidade; posteriormente, debate-se sobre a criatividade na Geografia Escolar e, por fim, discorre-se algumas ideias em defesa do estímulo à criatividade nas aulas de Geografia, a fim de tornar os educandos mais sensíveis, participativos e atentos ao processo educativo.

### **Breve trajetória da ciência Geográfica e os desafios da Geografia Escolar na Contemporaneidade**

A Geografia, como ciência social e disciplina escolar, nas últimas décadas, vem passando por intensas transformações. O contexto social-histórico contemporâneo, de acordo com Caracristi e Fonseca (2011), é radicalmente diverso daquele em que a ciência geográfica emergiu no âmbito das ciências modernas. Atualmente, a Geografia passa por um período de intenso debate sobre as diferentes correntes do pensamento envolvidas com a sua produção científica.

Tais debates permitem reflexões e aprofundamento dos conhecimentos em torno dos fundamentos teórico-epistemológicos da Geografia, considerando

que a sua compreensão, conforme salienta Caracristi e Fonseca (2011), faz com que a vejamos como um processo histórico, levando em conta que o seu objeto de estudo é conferido na realidade espacial que é processada pelas relações conceituais que representam cada momento da evolução do pensamento geográfico.

Entre outras definições, consideramos a Geografia o estudo das relações entre sociedade e natureza, as apropriações, as modificações, os diferentes contextos em que vivem e relacionam-se os seres humanos, assim, é compreendida como uma ciência social por interpretar, analisar e compreender a dinâmica que envolve os seres humanos no espaço.

*“A condição da Geografia como ciência social é peculiar, incomum em sendo comparada a das demais ciências, porque ela sempre teve, no centro de suas preocupações, as relações entre o homem e a natureza, por conseguinte, as implicações resultantes da humanização ou socialização do espaço natural” (Nascimento, 2004: p. 37).*

Considera-se que “o campo de preocupações da Geografia é o espaço da sociedade humana, onde os homens e mulheres vivem e ao mesmo tempo produzem modificações que o (re)constroem a cada momento” (Vesentini, 1998: p. 8). Todo e qualquer espaço ocupado por sociedades humanas implica relações homem-natureza e cabe à Geografia refletir e debater sobre tais relações, tendo em vista a construção de conhecimentos e a compreensão da grande diversidade presente em nosso planeta.

Desde o seu surgimento como ciência, a Geografia sofreu inúmeras transformações, precisando constantemente readaptar-se, a fim de atender as

mudanças ocorridas durante esse processo. Os primeiros conhecimentos da Geografia foram obtidos e sistematizados pelos gregos. Cavalcanti e Viadana (2010) afirmam que os filósofos gregos que viveram entre os séculos VII e VI a. C. buscaram uma explicação do mundo em termos físicos, deixando de lado a explicação dos fenômenos naturais a partir dos mitos, e procuraram explicações da necessidade da sociedade da época por meio da razão.

*“A história da Geografia está implicitamente associada à história da humanidade, às suas relações com a natureza, à sua evolução. O “instinto geográfico”, ou seja, o sentido de orientação, de localização e de mobilidade no espaço terrestre não integra somente a natureza humana, já que os animais também o possuem em graus diversos. No homem, todavia, esse sentido é trabalhado na razão, para atender, sejam as necessidades elementares de sobrevivência, sejam as necessidades secundárias ou artificiais, cada vez mais complexas e numerosas, decorrentes das características culturais dos grupos ou das sociedades. A Geografia, como produção intelectual, como teoria, conhecimento sistematizado e registrado (inclusive sua denominação), surgiu na Grécia Antiga, tendo como motivação básica o comércio através dos mares. Na Grécia, surgiram também a democracia, a filosofia, a história e o teatro” (Nascimento, 2004: p. 25).*

Com o renascimento e a crença da razão, ampliou-se a busca pela compreensão do mundo por meio da racionalidade. Foster e Kant marcaram esse período e as bases da ciência moderna, através de observações, descrições, análise e comparações de dados de determinados recortes espaciais. Como salienta

Moreira (2012), Foster desenvolveu conhecimentos teórico-metodológicos e Kant destacou-se significativamente na compreensão epistemológica da Geografia.

Apesar dos conhecimentos já obtidos e sistematizados, foi somente no século XVIII que a Geografia foi reconhecida como uma ciência autônoma. Nesse contexto, a partir da sistematização dos conhecimentos foram obtidos avanços significativos no sentido de constituir as bases teóricas e metodológicas dessa ciência. Como corroboram Mormul e Rocha (2013), a origem científica da Geografia se deu na Alemanha do século XIX, à luz dos trabalhos de Alexander Von Humboldt e Karl Ritter. Posteriormente, a Geografia científica sofreu influência também dos franceses; desse modo, as diferentes escolas produziram conhecimentos importantes, trabalhados atualmente pela Geografia.

A construção do pensamento geográfico seguiu acompanhando as necessidades que se apresentavam em relação à compreensão do espaço. Segundo Pontushka, Paganelli e Cacete (2009), a partir das contribuições de Friedrich Ratzel, articulador das ideias na Alemanha, com enfoque determinista, e Paul Vidal de La Blache, representante da escola francesa, a partir de um enfoque possibilista, um novo momento marcou a geografia. Ratzel considerava a influência do meio natural sobre o homem e desenvolveu o conceito de espaço vital. Nesse sentido, a corrente tradicional da Geografia, denominada “Geografia Clássica”, foi sendo constituída com base no conhecimento gerado, tornando-se efetivamente de cunho científico.

No decorrer dos séculos, os conhecimentos geográficos foram ampliados, tornando, assim, a Geografia uma ciência cada vez mais complexa e dotada de desafios, exigindo constantes readequações decorrentes do desenvolvimento social e histórico de cada época. Sua readequação considera as construções

e reconstruções da história humana no espaço geográfico e as relações que o homem exerce no meio onde vive e em relação aos demais seres humanos.

*O desenvolvimento das ciências em geral e da Geografia em particular acelerou-se nos séculos XVIII e XIX, em consequência da expansão do capitalismo. O capitalismo comercial provocaria, a partir do século XV, grande expansão das navegações e, como consequência, o descobrimento dos novos continentes e ilhas, fazendo com que se intensificasse o comércio entre os povos que viviam em condições naturais, e em organizações sociais as mais diversas [...]. (Andrade, 2008: p. 71).*

No contexto de expansão comercial empreendido pelos europeus, como afirma Nascimento (2004), foi por meio das grandes navegações, que ocorreram grandes conquistas entre os séculos XV e XVIII. Nessa época, a burguesia ganhou importância, intensificando ainda mais as relações com povos de diferentes lugares do globo. O enriquecimento burguês e o desenvolvimento de novas tecnologias impulsionaram a Revolução Industrial na Inglaterra, no século XVIII, alterando os rumos do comércio mundial e as relações entre diferentes países, transformando as relações políticas, sociais e culturais, o que causou, no século XX, grandes conflitos a nível mundial, alterando territórios, reconfigurando a Geografia mundial.

A institucionalização escolar da Geografia teve seu marco ainda no século XIX, sendo mais aprofundada no século XX. O surgimento da Geografia Escolar é parte da institucionalização da ciência geográfica, tendo se iniciado, naquela época, em países desenvolvidos. Nesse contexto, o ensino de Geografia possuía bases positivistas, numa perspectiva tradicional, caracterizando-se pelo foco no

professor, que era considerado detentor de conhecimentos não questionáveis. No Brasil, segundo Cavalcanti (2010, p. 18), “a história da Geografia como disciplina tem início no século passado (XX), quando foi introduzida nas escolas com o objetivo de contribuir para a formação dos cidadãos a partir da difusão da ideologia do nacionalismo patriótico”. Mais tarde, conforme a autora, sua função ideológica reaparece, quando seu objetivo caracteriza-se como transmissão de dados e informações gerais sobre os territórios do mundo e de países em particular.

Caracristi e Fonseca (2011) salientam que os avanços teórico-metodológicos da Geografia passaram por uma espécie de metamorfose entre as últimas décadas do século XIX e o início do século XX, refletindo efetivamente, conforme afirmam Mormul e Rocha (2013), no surgimento das escolas nacionais e com elas, as denominadas correntes de pensamento. As formas pensadas à disciplina geográfica em cada momento histórico foram denominadas como “paradigmas geográficos”, nos quais se destacavam o determinismo, o possibilismo, o método regional, a nova Geografia e a Geografia crítica.

A Geografia Tradicional passou a ser questionada frente às constantes e intensas transformações que o mundo enfrentou a partir de meados do século XX, fazendo com que novas perspectivas viessem à tona, conforme explicam Caracristi e Fonseca (2011, p. 6), na tentativa de renovação do pensamento geográfico tradicional, principalmente no que se refere às questões metodológicas, emergindo em uma concepção “não descritiva” da realidade. Destacou-se, no contexto das transformações correntes no mundo, e também na ciência geográfica, um grupo de geógrafos considerados “radicais” ou “marxistas” que, opondo-se principalmente ao discurso da geografia tradicional, lançaram as bases da “Geografia Crítica”.

No âmbito da Geografia escolar, essa tendência desencadeou diferentes formas de conceber o processo educativo, o que demanda constantes reflexões sobre a práxis educativa. A corrente crítica, pauta-se no desenvolvimento da autonomia do aluno, a partir da mediação pedagógica do professor e da utilização de múltiplas linguagens. Sendo assim, defende a aprendizagem significativa através de experiências que levem em conta a realidade do aluno e seus conhecimentos prévios, considerando-o agente ativo na análise, na compreensão e na transformação do espaço.

Sendo assim, pensar Geografia no século XXI requer que sejam analisadas as necessidades atuais do ser humano, considerando os avanços científicos, tecnológicos, políticos e econômicos, os quais foram responsáveis pelas rápidas transformações no mundo. Para Cavalcanti (2010) a necessidade de reformulações na ciência geográfica fez-se refletir também no ambiente escolar, buscando a implementação de uma geografia nova.

Na atualidade há a necessidade de se pensar uma Geografia que auxilie a compreensão do mundo e de suas transformações. A Geografia Escolar tem um papel importante por atuar na conscientização dos educandos, a partir do respeito e da cooperação, vislumbrando relações conscientes no espaço ocupado e com as diversidades nele existentes.

Straforini (2004) afirma que “para alguns autores o ensino de Geografia é fundamental para que as novas gerações possam acompanhar e compreender as transformações do mundo, dando à disciplina geográfica um *status* que antes não possuía”. No contexto escolar contemporâneo, a ciência geográfica precisa dar conta de um complexo emaranhado de conhecimentos, além das mudanças contemporâneas nas relações sociedade-espaço, as quais demandam profissionais capacitados e engajados no efetivo processo de ensino e aprendizagem.

Pensar tais necessidades nos leva a refletir sobre o papel da Geografia na compreensão das diversidades sociais, culturais, econômicas, políticas e naturais, exigindo constante reconstrução-readaptação dos profissionais, visto que, a dinâmica social altera-se rápida e intensamente, o que requer a utilização de diferentes recursos educativos que deem conta da complexidade de temas que envolvem o ensino da Geografia Escolar. Nesse contexto, o conhecimento das teorias referentes à prática educativa e sobre métodos e recursos didáticos adequados para a aprendizagem são fundamentais no exercício da docência.

#### **A criatividade no processo de ensino e aprendizagem da Geografia Escolar**

No exercício da prática educativa encontramos uma série de desafios que exigem profunda reflexão em torno do processo de ensinar e aprender na formação humana.

Pensar uma adequada formação dos educandos demanda também considerar o papel do educador no desenvolvimento da aprendizagem e por conseguinte, da criatividade. O professor tem como compromisso o atendimento a uma grande diversidade de atores sociais e de necessidades que se apresentam no ambiente escolar, sendo assim, precisa considerar as potencialidades de seus educandos, vislumbrando uma aprendizagem significativa.

A aprendizagem significativa supõe uma formação de qualidade a todos os educandos. Sousa (2005) faz referência a David Ausubel, que pela primeira vez utilizou-se da expressão “aprendizagem significativa”. Segundo este autor, para que ela se efetive, é necessário que a informação fornecida na forma de conceitos seja integrada ao que o aluno já sabe e possa ser expressa por outros símbolos ou por outras palavras. Assim, o professor precisa se preocupar em garantir que a informação fornecida seja um conjunto de ideias significativas e não uma mera listagem de fatos.

No ensino da Geografia Escolar, muitos desafios são encontrados no processo educativo, o qual demanda, além de uma sólida formação dos profissionais, abertura maior para o desenvolvimento de habilidades que potencializem a criatividade. Mais do que transmitir conhecimentos aos educandos Cavalcanti (2010), sugere que devemos propiciar condições para que possam formar, por si mesmos, um conceito, visto que a transmissão de conceitos prontos obtidos em livros ou elaborados pelo professor torna-se ineficaz.

Desse modo, o estímulo à criatividade do aluno contribui para o desenvolvimento de diferentes dimensões.

*[...] estudos voltados para a prática de uma educação criativa envolvem uma efetiva e peculiar revolução/transformação do modo dualístico de conceber a realidade humana, que incorpora pensamento e sentimento, objetividade e subjetividade, individualidade e sociedade, convertendo, dialeticamente, as dualidades em totalidades, a partir de um referencial integral da existência humana. Por essa ótica, a educação deve contribuir para o desenvolvimento pessoal e profissional dos educandos, incluindo as dimensões da intelectualidade, da objetividade, bem como adentrando nos meandros da criatividade e subjetividade humanas. (Barreto, 2007: p. 48).*

Criatividade é algo que exige preparo, tempo, conhecimento, dedicação. Para tanto, o professor precisa continuamente reavaliar-se, compreendendo quais são as suas limitações e quanto ainda pode avançar, no intuito de melhorar sua práxis

docente. Assim, a construção do conhecimento tem no professor a possibilidade de transformação da aprendizagem. Isso se deve ao seu papel mediador, guiando os educandos para um contínuo processo de investigação, dando suporte para que estes reflitam, questionem e tornem a investigar.

Precisa partir do professor a compreensão da criatividade como parte do processo educativo; Porém, salienta-se o papel do educando como um sujeito ativo, o qual precisa ser constantemente estimulado a ampliar seus conhecimentos, suas habilidades e potencialidades. A partir dessa concepção, conforme explica Barreto (2007), os processos de ensino e de aprendizagem se relacionam dialeticamente e a compreensão do professor como mediador das construções pedagógicas é fundamental.

Desse modo, o professor tende a se preocupar com o modo como os alunos aprendem, verificando as suas fragilidades ou os possíveis interesses que emergem a partir de atitudes ou situações criativas. Tal necessidade se apresenta diante dos novos desafios do professor de Geografia, na formação dos alunos numa perspectiva sensibilizadora, não apenas investindo em sua formação teórica. Esta é uma das necessidades humanas atuais: desenvolver no ambiente escolar a formação de seres criativos, flexíveis e abertos a novas possibilidades de aprender, ser e interagir socialmente.

A criatividade constitui um “termo que evoca ‘invenção’, do latim *inventre*, correspondente a ‘criar na imaginação’, ‘urdir’, por sua vez, é aquele instrumento do qual dispomos para superar as limitações que comumente se impõe na vida, assim como no ato educativo” (Miranda, 2005: p. 23). Urdir é tecer, ordenar, compor entrelaçando.

*“A criatividade é uma capacidade especialmente humana, que se apresenta como mais um diferencial entre o homem e os demais seres. Os humanos têm o poder de transcender a situação imediata, de abstrair os dados da realidade e criar estratégias inéditas para garantir sua sobrevivência. Essa possibilidade de auto-organização pode ser definida como criatividade”. (Barreto, 2007: p. 6).*

No processo de ensinar e aprender, a criatividade precisa dispor de invenção, por meio da imaginação, superando os obstáculos, transformando o processo educativo em algo prazeroso e desafiador. Para Lubart (2007), o ambiente escolar tem um papel crucial no desenvolvimento da criatividade, primeiro porque as crianças adquirem as capacidades e conhecimentos cognitivos na escola, segundo, porque os professores servem de modelo às crianças. Entretanto, o processo educativo pode inibir a criatividade, pois os professores tanto podem valorizar a criatividade quanto desenvolver um tipo de ensino que desvaloriza a expressão de ideias criativas.

No ambiente escolar, segundo Lubart (2007), ao invés de desenvolver ideias criativas, frequentemente as crianças são estimuladas a encontrar a resposta “correta” ou a memorizar os conteúdos, o que pode desencadear dificuldades na aprendizagem.

*“Na escola, continuamos limitando nossas crianças ao espaço reduzido de suas carteiras, imobilizadas em seus movimentos, silenciadas em suas falas, impedidas de pensar. Reduzidas em sua criatividade e em suas potencialidades de expressão, as crianças encontram-se também limitadas em sua sociabilidade, presas à mente racional, impossibilitadas de experimentar novos voos e de conquistar novos espaços”. (Moraes, 1997: p. 50).*

A atuação dos professores geralmente limita a ação criativa dos educandos por abordar conteúdos bastante teóricos e realizar pouca ou nenhuma atividade prática, em que o aluno precise utilizar-se de suas habilidades inventivas para desenvolver sua aprendizagem. Nesse sentido, como afirma Lubart (2007), os profissionais geralmente valorizam características importantes socialmente, mas que não contam para o desenvolvimento da criatividade, também valorizam a tranquilidade e atitudes de conformismo, desconsiderando a necessidade de provocação intelectual.

*Dados como esses nos revelam um grande passo que se impõe ao professor e orientador: transformar sua didática num estilo de ensinar interessante (inovador), instigante (questionador) e inteligente (valoroso), enfim, num ensino criativo. Do contrário, o processo ensino-aprendizagem tende a ser prejudicado pela ânsia do professor em transmitir tudo que vem sendo produzido pela ciência, olvidando-se que a aprendizagem não se dá exclusivamente pelo uso da razão, mas pelo diálogo com a estrutura criativa do ser humano. (Barreto, 2007: p. 32-33).*

Urge a necessidade de repensarmos a atuação docente, tendo em vista a possibilidade de um processo educativo em que também seja contemplada a criatividade dos educandos, possibilitando melhores condições para alcançar uma aprendizagem significativa. Para tanto, é necessário desenvolver atividades de cooperação, em que os alunos estabeleçam debates, desenvolvam pesquisas, criem materiais diversos, que facilitem a compreensão do conhecimento.

A escola desempenha um papel de socialização que precisa ser considerado pelos professores, isso porque a natureza criativa do ser humano somente se desenvolve no contexto cultural e social no qual está inserida.

*“Precisamos repensar a escola, o currículo, as metodologias, os ambientes de aprendizagem, a necessária formação de professores nessa área, de forma a incluir estratégias que cultivem a*

*imaginação, a atividade criadora na sala de aula e incentivem a espontaneidade, a iniciativa, o senso de humor, a curiosidade, o questionamento de si mesmo, criando condições favoráveis para que eles possam criar um espaço de fantasia e o jogo imaginário, para o respeito às diferenças, para a cooperação e o compartilhamento, para aceitação de si mesmos e dos outros. Enfim, um espaço criativo em que a criança realmente se sinta mais feliz e alegre, em decorrência de sua participação em algo criativo, produtivo. Isso demandaria mudanças radicais na estrutura do atual sistema educacional”. (Moraes, 1997: p. 166).*

É a escola o ambiente propício para que as trocas entre os educandos ocorrem de maneira mais intensa e, esse ambiente necessita ser repensado. Nesse contexto, a escola configura-se como um local de inúmeras possibilidades de desenvolvimento das dimensões humanas, num processo de estímulo contínuo e constante. No contexto da Geografia Escolar, as atividades precisam incentivar a atenção e a curiosidade, em um processo que une professores e alunos num só objetivo que é a ampliação da aprendizagem.

*“O ensino é um processo dinâmico que envolve três elementos fundamentais: o aluno, o professor e a matéria. Os três elementos estão interligados, são ativos e participativos, sendo que a ação de um deles influencia a ação do outro. O aluno é sujeito ativo que entra no processo de ensino e aprendizagem com sua “bagagem” intelectual, afetiva e social, e é com essa bagagem que ele conta para seguir no seu processo de construção; o professor, também sujeito ativo no processo, tem o papel de mediar as relações do aluno com os objetos de conhecimento; a geografia escolar é considerada no processo como uma das mediações importantes para*

*a relação dos alunos com a realidade”.* (Cavalcanti, 2008: p. 48).

Para tanto, não há fórmulas prontas nem receitas infalíveis para que um processo educativo criativo se constitua em sala de aula, esse é um processo que precisa ser pensado, planejado, praticado, analisado e, posteriormente, avaliado, tendo em vista que ele só terá êxito se houver o comprometimento do professor e dos alunos. Nesse sentido, o ensino da Geografia no contexto atual exige criatividade, a fim de ampliar a compreensão das dinâmicas que envolvem diferentes grupos no espaço geográfico. Consideramos, portanto, que os professores de Geografia possuem um arsenal enorme de possibilidades para desenvolver um processo criativo em sala de aula, sendo capaz de construir com cada turma um momento atrativo, ressignificando o processo de ensino e aprendizagem.

### **O estímulo à criatividade nas aulas de Geografia**

Neste início de século, uma série de fatores tem influenciado a educação básica e, conseqüentemente, o ensino de Geografia. Intensas transformações configuram estes novos tempos: Maior acesso à informação, mudanças rápidas e constantes, novas configurações nas relações sociais, econômicas, políticas e culturais, que modificam as relações humanas e o processo educativo. Diante disso, de que maneira desenvolver a criatividade dos educandos em meio a um processo de desinteresse crescente?

No intuito de refletir sobre tais questões, consideramos algumas possibilidades. Entretanto, é importante esclarecer que não trazemos nenhuma “fórmula mágica” ou solução inovadora para desenvolver a criatividade nas aulas. Procuramos, outrossim, pensar em algumas atitudes que podem auxiliar o trabalho docente, a fim de despertar maior interesse e sensibilização dos alunos.

### **Utilizar-se de metodologias inovadoras e atualizadas**

Considera-se que a formação dos professores deve ser contínua durante toda a sua carreira, para além de cursos oferecidos por institutos ou universidades, em que os professores apenas escutam o que os pesquisadores têm a dizer sobre educação escolar. Para tanto, a constante renovação de metodologias se faz necessária, além de reflexão sobre as bases teóricas-metodológicas que fundamentam a prática docente. É pertinente, nesse sentido, a integração escola-universidade, em diferentes momentos durante todo o ano letivo.

Ainda, que os recursos didáticos e avaliativos sejam constantemente repensados, permitindo adequações e atualizações, tanto dos materiais de referência, quanto de outros materiais que possam servir para o desenvolvimento da criatividade e da autonomia do aluno, visto que a Geografia é uma disciplina dinâmica, que requer do professor e dos alunos um constante processo de investigação.

### **Ter disponibilidade para inovar**

É importante superarmos a repetição monótona de conteúdos e a utilização dos mesmos materiais, geralmente construídos por outros profissionais, pensados para outras realidades. Para tanto, podem ser criadas possibilidades de inovação a partir de diferentes estratégias de trabalho. Nessa perspectiva, Almeida e Biajone (2007), defendem que é necessário reconhecer os professores como sujeitos do conhecimento e produtores de saberes, valorizando a sua subjetividade e legitimando um repertório de conhecimentos sobre o ensino, a partir do que eles são, fazem e sabem. Para tanto, se faz necessário que os professores tenham disponíveis horas de planejamento, dedicadas à preparação das aulas e dos materiais necessários, isso porque, o trabalho do professor vai além do tempo em que atua em sala de aula.

**Trocar experiências com os colegas**

Consideramos essencial a troca de conhecimento e informações sobre a prática docente. Porém, o trabalho educativo se restringe, frequentemente, a um processo individual, pois não se realizam trocas de experiências entre os profissionais.

Quer se trate de um momento único ou repetido infinitas vezes, a experiência do professor não deixa de ser uma coisa pessoal e, acima de tudo, privada. Embora o professor viva muitas experiências das quais tira grande proveito, tais experiências, infelizmente, permanecem confinadas ao segredo da sala de aula. Ele realiza julgamentos privados, elaborando ao longo do tempo uma espécie de jurisprudência composta de truques, de estratégias e de maneiras de fazer que, apesar de testadas, permanecem em segredo. Seu julgamento e as razões nas quais ele se baseia nunca são conhecidos nem testados publicamente. (Gauthier, 2006: p. 33).

Nesse sentido, a interação entre os professores desencadearia um processo de valorização maior e, conseqüentemente, de maior reconhecimento do seu trabalho em uma classe profissional constantemente posta em questionamento.

**Criar redes de compartilhamento**

Da mesma forma como citamos a troca de experiências, faz-se necessário criar redes (virtuais ou pessoais) para o compartilhamento de informações, materiais didáticos, ideias criativas, entre outras situações de ensino. Algumas possibilidades são a criação de blogs educativos, propor encontros de leitura e reflexão e oficinas que possam servir como espaço de construção de projetos colaborativos e de materiais didáticos utilizados nas aulas. Alguns destes materiais podem ser de uso comum em diferentes disciplinas, estimulando também atividades interdisciplinares.

**Pesquisar, conhecer e saber utilizar recursos tecnológicos no processo educativo**

Uma grande diversidade de recursos tecnológicos atualmente está disponível à educação; porém, muitas vezes, não são utilizados pelos educadores. Um dos motivos é a dificuldade de acesso em determinados lugares, outro motivo é a falta de conhecimento de como utilizá-los. Nesse sentido, uma possibilidade é estimular trocas entre os profissionais no sentido de auxiliarem-se no aperfeiçoamento do uso destes recursos disponíveis a partir dos meios eletrônicos. Dentre eles: domínio dos recursos de download de filmes, documentários e músicas; aprendizagem das técnicas de conversão de vídeos em áudios em MP3; domínio de técnicas de corte de vídeos para fins educativos, dentre outras pequenas estratégias que no cotidiano do trabalho na escola não são possíveis para todo o grupo.

**Aliar a teoria à prática**

Atuar somente tendo como propósito as atividades práticas, torna a aula pouco significativa. Diante disso, é necessário que o professor esteja em constante contato com leituras que fundamentem e legitimem a sua prática. Segundo Gauthier *et. al.* (2006: p. 24), “o docente não pode adquirir tudo por experiência. Ele deve possuir também um corpus de conhecimentos que ajudarão ‘a ler’ a realidade e a enfrentá-la”. Nesse sentido, considera-se necessária a constante inter-relação entre o conhecimento teórico-metodológico e os saberes práticos e experienciais, considerando, ainda, a sua constituição subjetiva, que contribuindo para que se constitua integralmente.

**Estimular atividades interessantes, inovadoras e criativas, de acordo com a realidade do aluno**

Proporcionar atividades de interesse aos educandos em que seja desenvolvida a sua capacidade criativa é um grande desafio na atualidade. Nesse contexto, o

ensino de Geografia precisa ter sentido para o aluno. Straforini (2004) destaca a necessidade de considerar a realidade do aluno, a fim de construir com ele conceitos que levem em conta o seu presente para pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, pensar no futuro a partir do inconformismo com o presente.

Desse modo, atuar no ensino da Geografia demanda o efetivo exercício crítico e criativo, que envolve reflexões sobre nossas ações no espaço em que vivemos, possibilitando que os educandos repensem sua cotidianidade no sentido de agir criativamente, de contribuir na reconstrução de espaços, reavaliando atitudes e propondo estratégias de atuação, para que a aprendizagem, de fato, se torne significativa.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A formação dos educandos por meio de processos criativos pode ampliar as habilidades e potencialidades destes, tendo em vista seu desenvolvimento pessoal e intelectual, além de ampliar outras dimensões de formação humana, como a sensibilização.

Ao professor cabe instigar seu desenvolvimento por meio de estratégias que considerem a participação ativa dos alunos, tendo como objetivo maior atenção, interação e sensibilização das aulas de Geografia. Para tanto, salienta-se que a criatividade do professor pode ampliar e potencializar a criatividade dos alunos, transformando-os, de certo modo, em seres mais comunicativos, sensibilizados e confiantes de suas capacidades, conscientes de sua atuação não apenas como “aprendentes”, mas transformadores da realidade e do espaço onde atuam cotidianamente.

Portanto, considera-se essencial refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem e as necessidades dos educandos, a fim de instigar seu

desenvolvimento levando em conta seus anseios, desejos e sua dimensão humana. Considerando, ainda, que estes são seres que estão vivenciando uma etapa de intensas descobertas e envoltos em inúmeras possibilidades que podem servir à aprendizagem, viabilizando uma educação geográfica significativa para os alunos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, P. C. de; BIAJONE, J. Saberes docentes e formação inicial de professores: implicações e desafios para as propostas de formação. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 33, n.2, p. 281-295, maio/ago. 2007.
- ANDRADE, M. C. de. **Geografia: ciência da sociedade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008. 143 p.
- BARRETO, M. O. O papel da criatividade no ensino superior. In: **Diálogos & Ciência**. Revista da Rede de Ensino FTC. Ano V, n. 12, p. 1-13, dez. 2007.
- CARACRISTI, I. FONSECA, V. Os clássicos da geografia e suas contribuições para formação de professores no curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (Sobral-CE/Brasil). **Revista Geográfica de América Central**. Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011, pp. 1-14.
- CAVALCANTI, L. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 16. Ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2010. 192 p.
- CAVALCANTI, L. **A geografia escolar e a cidade**: ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. São Paulo: Papyrus, 2008. 190 p.
- CAVALCANTI, A. P. B.; VIDIANA, A. G. Fundamentos históricos da Geografia: contribuições do pensamento filosófico na Grécia antiga. In: GODOY, P. R. T. de. (Org.). **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 11-34.
- GAUTHIER, C. Clemont Gauthier, MARTINEAU, S; DESBIENS, J; MALO, A. **Por**

- uma teoria da pedagogia:** pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006. 480 p.
- LUBART, T. **Psicologia da criatividade.** Tradução de Márcia Conceição Machado Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2007. 188 p.
- MIRANDA, S. de. **Professor, não deixe a peteca cair!:** 63 ideias para aulas criativas. Campinas: SP: Papirus, 2005. 122 p.
- MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente.** Campinas, SP: Papirus, 1997. 240 p.
- MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico?:** por uma epistemologia crítica. 2. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2012. 167 p.
- NASCIMENTO, A. L. do. Em torno do conhecimento geográfico. *In:* ARAUJO, L. M. de. (org.) **Geografia, Espaço, tempo e planejamento.** Ed. UFAL, 2004. p. 25-42.
- PONTUSCHKA, N. N. PAGANELLI, T. I. CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 383 p.
- SOUSA, O. C. de. Aprender e ensinar: significados e mediações. *In:* TEODORO, A. VASCONCELOS, M. L. (org.) **Ensinar e aprender no ensino superior:** por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária. 2. Ed. São Paulo: Mackenzie; Cortez, 2005. 124 p.
- STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia:** o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. São Paulo: Annablume, 2004. 188 p.
- VESENTINI, J. W. **Sociedade e Espaço.** São Paulo, Ática, 1998. 320 p.